

#### 4.

### **A Reprodução do Universo Feminino na Exposição no Facebook**

Ao analisar o “homem na sociedade”, Berger (1973) demonstra o quanto a sociedade impõe ao ser humano seus conceitos, padrões, leis e regras, desde a infância. Essa imposição é feita por uma sociedade composta de inúmeras regras e a localização do indivíduo na sociedade constitui uma definição das regras que devem se obedecer. Para o autor, a obediência se dá por meio do controle social exercido em diversas instâncias da vida do indivíduo. Na infância, este controle social se dá desde a escola até o grupo humano no qual a criança está inserida. O grupo familiar seria um dos laços sociais mais importantes de um indivíduo e fatores de coerção neste grupo mais íntimo teriam efeito psicológico muito mais sério do que em outra instância da comunidade. Na vida adulta este controle social se manifesta desde a burocracia exercida pela própria sociedade até ao sistema ocupacional do indivíduo. Portanto, situar-se em sociedade é posicionar-se em relação a muitas forças repressoras e coercitivas vinculadas à localização do indivíduo na própria sociedade, como, por exemplo, a estratificação social. Na sociedade ocidental, o sistema de classes, segundo Berger, determina as possibilidades ou oportunidades de uma pessoa e o destino que essa pessoa pode esperar ter na sociedade. Para ele, compreender a importância de classes leva o indivíduo não só ao controle social, como também a perceber a maneira como a sociedade influencia sua consciência. Na maioria das vezes, o sistema de classe é determinado por meios econômicos e, por isto, quase sempre, o indivíduo permanece no mesmo padrão de vida. Portanto, por meio de regras, normas, diferentes determinações são impostas à sociedade pelas classes sociais, bem como pelo credo religioso ao qual a família pertence. No entanto, ressaltar Berger (1973), essas pressões muitas vezes não geram consequências sobre os indivíduos, já que normalmente suas expectativas são exatamente aquilo que a sociedade espera deles, ou seja, a sociedade condiciona o indivíduo a ser aquilo o que é esperado dele. Portanto, a localização social na qual o indivíduo está inserido afeta não só a sua conduta, mas importantes aspectos de diferenciações culturais que determinam a sua concepção de mundo, bem como todo o sistema cultural de seu grupo. Berger (1973) observa que este processo de inserção na sociedade é tão forte que o indivíduo admite sem conflitos a maioria das imposições culturais

criadas e é exatamente isto que permite que a vida em sociedade seja possível, já que a significação das situações mais importantes é semelhante para a maioria das pessoas. Ou seja, a sociedade estabelece papéis semelhantes para cada tipo de conduta. Ao assumir determinada função ou profissão na sociedade, o indivíduo passará a agir de acordo o papel que assumiu – forma de andar, de falar, de se vestir, definido anteriormente pela sociedade. Para Berger (1973), todo papel implica uma identidade – masculina, feminina, identidade de um oficial, de um professor – atribuída, sustentada e transformada socialmente.

A identidade feminina é construída a partir de um discurso social que visa atender e se adequar às necessidades e mitos de uma sociedade determinada em um momento histórico específico. Rocha-Coutinho (1994) observa que este discurso social tem desempenhado um importante papel na construção da subjetividade das mulheres e, inclusive, contribuiu durante muitas décadas para mantê-las na posição de subordinação em que se encontravam. Apesar da desigualdade de gêneros ser bem antiga e vários discursos sociais a terem enunciado como natural e terem tentado legitimar as diferenças hierárquicas entre homens e mulheres, quando começaram a ser questionados pelos movimentos feministas na década de 60, o confinamento da mulher à esfera doméstica (casa, marido e filhos), só começa a se verificar como tal a partir da ascensão da burguesia, do aparecimento da sociedade industrial e do capitalismo, e da nova ideia de família que passa a ter no amor romântico o pivô para sua conformação. (Rocha-Coutinho, 1994).

Rocha-Coutinho (1994) ressalta que a transição da família feudal para a família burguesa moderna foi bastante ampla, não se atendo apenas à história da vida cotidiana. Ao contrário, ela pontua traços-chaves que vão desde as relações de produção até a constituição de subjetividades, em que se acentuam a intimidade, a individualidade, as identidades pessoais e o uso de nomes e sobrenomes particularizados. Com o advento da sociedade industrial, a temática da individualidade, da identidade pessoal, começa a se desenvolver, ao mesmo tempo em que os domínios público e privado se instalam, reestruturando tanto seus territórios como suas significações, provocando uma mudança radical nas prioridades de vida, aparecendo em primeiro plano o livre-arbítrio e a felicidade

peçoal (p. 28). É neste momento que se constitui o grupo familiar restrito (nuclear) – a família burguesa – e surge um novo tipo de contrato matrimonial vinculado ao amor que transformam a feição da família antiga e de suas relações interpessoais. Dá-se o que Shorter (1975, apud Rocha-Coutinho, 1994) denominou a Revolução Sentimental do séc. XVIII marcada pelo aparecimento do amor materno, do amor conjugal e do sentimento doméstico de intimidade, que mudaram as prioridades da vida e as formas de enlances tanto contratuais quanto subjetivas entre os integrantes da família. É a hora da intimidade, das pequenas residências particulares de peças independentes, como especialização dos cômodos e entradas particulares, mais adequadas à privacidade e à vida íntima do novo tempo. Pais e filhos passam a partilhar este novo espaço de intimidade que fortalece e reforça os laços afetivos familiares. Rocha-Coutinho (1994) destaca que nesta nova realidade familiar baseada na afeição e na intimidade maior entre pais e filhos, a família se recentra em torno da mulher-mãe e o romantismo começa a ser usado como um instrumento cultural para impedir a mulher de conhecer sua verdadeira condição de opressão. A mulher passa a viver para o amor: amor a seus filhos, a seu esposo, a sua casa. Para tanto, ela deveria se manter pura, distante dos problemas e das tentações do mundo exterior – o mundo do trabalho – que deveria ficar sob o encargo do homem.

Nesta nova configuração familiar, a criança adquire um novo valor e importância, sendo agora elemento indispensável da vida cotidiana, uma vez que é produto por excelência desta nova unidade, razão de sua subsistência e recai sobre a mulher a responsabilidade pela boa educação e criação dos filhos. Tanto as mulheres quanto as crianças passam a ser consideradas frágeis, delicadas, assexuadas e, portanto, não só mais puras que os homens, como também seres que necessitam da proteção masculina. Segundo Rocha-Coutinho (1994, p. 30), o status inferior de ambos passa a ser disfarçado sob a capa de certo “respeito” requintado: não se deveria discutir assuntos sérios, ou relacionados a sexo, nem se deveria fazer uso de determinados termos ou injúrias na frente de mulheres e crianças. Mulheres e crianças foram, a partir de então, consideradas incapazes de entender certos assuntos e de tomar decisões mais sérias. Foram-lhes atribuídas tarefas especiais, como os afazeres domésticos e os deveres escolares. É assim, portanto, que se consolida o discurso da “natureza feminina” – frágil, emotiva,

dependente, instintivamente maternal e sexualmente passiva – instalando-se o lugar feminino de esposa e mãe centrada no espaço doméstico.

A dedicação exclusiva ao trabalho doméstico impede ou dificulta a participação autônoma das mulheres nos espaços públicos, que ficam restritos aos homens, levando-as a uma marginalidade social. Como descreve Rocha-Coutinho (1994, p. 33), as mulheres passam a ser e a viver para os outros e não para si mesmas e sua afirmação pessoal consiste precisamente em negar-se como pessoa.

Dentro do pressuposto da sociedade antiga, a mulher feliz era a que fazia feliz seu marido e seus filhos, esquecendo-se de si mesma (Goldenberg e Toscano, 1992). Até o início da década de 70, desde os primeiros meses de vida, as meninas eram criadas pelos pais para serem donas-de-casa e meninos para promover o sustento do lar e da família. Esta socialização era reforçada na escola e pelos meios de comunicação. O modo como eram criados os meninos dava-lhes condições de ingressar no mundo masculino do trabalho e da competição e os tipos de comportamento encorajados nas meninas supostamente as preparavam para desempenhar os seus futuros papéis no lar e na família e, conseqüentemente, eram orientadas para relacionamentos, ou seja, para os outros e não para si mesmas. Rocha-Coutinho (1994, p. 59) ressalta que as meninas eram encorajadas a serem “dóceis, boazinhas, úteis, prestativas, cooperativas, cordiais, tolerantes, compreensivas, a não incomodarem as pessoas e a não dizer não”. As mulheres eram ensinadas a cuidar de todo mundo, menos delas mesmas, a serem guardiãs da tradição e dos laços de família.

A partir dos anos 60, o movimento feminista provocou o questionamento deste modelo idealizado de felicidade e de natureza feminina restrita aos cuidados com o lar e a família. Goldenberg e Toscano (1992, p. 86) relatam que “olhando por detrás da cortina desse lar perfeito, o que se via, comumente, era uma mulher solitária, triste, vivendo mais pelo reflexo da vida dos filhos e do marido, tecendo seus crochês e, quem sabe, pensando como teria sido mais feliz se tivesse escolhido outro caminho”.

A bandeira feminista passou a defender como padrão de felicidade e de auto-realização o modelo masculino de sucesso, ou seja, a mulher deveria dar

maior ênfase à realização profissional e aos seus desejos individuais, em detrimento de outros aspectos de sua vida. Mas, como observa Goldenberg e Toscano (1992), com o passar do tempo verificou-se que apenas reproduzir o padrão de comportamento masculino não tornaria a mulher feliz. A partir daí, o feminismo passou a afirmar um jeito feminino de ser, que procura combinar aspirações na esfera doméstica (lar, maternidade, família) com outras na esfera pública (carreira, participação política, sucesso). Para Rocha-Coutinho (1994), apesar do discurso social ter incorporado estes novos papéis à identidade feminina e de ter questionado a doutrina da maternidade como essência, não houve muitas mudanças na definição da identidade feminina, já que ainda é atribuído a ela todos os encargos com a casa e a família. Para a autora, a entrada da mulher no mundo da produção e da satisfação pessoal pelo o que ela é e não pelo o que representa para seus familiares, tem levado as mulheres a desempenharem papéis múltiplos e conflitantes e a uma vivência conflituada, no seu eu, destes diferentes papéis. Isso se dá, em grande parte, porque, muitas destas mulheres, de um lado foram submetidas ou influenciadas pela socialização tradicional – que as treinou durante sua infância para pensar, agir e sentir de maneira apropriada a suas funções de esposa, mãe e dona-de-casa, funções estas que continuam a ser amplamente reforçadas pela cultura – e, de outro, foram levadas a buscar sua satisfação pessoal também fora da família, como decorrência do questionamento destes valores tradicionais e da integração da mulher da classe média nas últimas décadas ao mundo da produção, através de seu trabalho e carreira profissional. Rocha-Coutinho (1994) observa que instalou-se nestas mulheres um conflito entre os papéis tradicionalmente atribuídos a elas e os novos papéis que se lhes impõem, isto é, valores internalizados em momentos distintos de sua formação.

Para Goldenberg e Toscano (1994), não estaríamos diante de um modelo fechado do que é ser mulher na contemporaneidade, haveria múltiplas opções de caminhos a serem percorridos pelas mulheres. Muito mais do que a idealização da felicidade feminina, o que se busca hoje é a liberdade feminina. Entretanto, Rocha-Coutinho (1994) defende que as mulheres ainda vivem o conflito de entendimento da sua identidade. As mulheres querem pensar e agir por conta própria, mas seu planejamento de vida ainda inclui a antiga identidade feminina, o que faz com que sua vida se realize no conflito de expectativas contraditórias,

segundo a autora, como ter uma formação profissional e uma carreira ou adaptar-se ao ciclo familiar, ter ou não ter filhos, entre outras. Para Rocha-Coutinho (1994), a estas divisões resta sempre a posição conciliatória, a de dividir-se entre os dois interesses, solução que leva a mulher a uma sobrecarga física e emocional que muitas vezes ela quase não pode suportar.

Para Rocha-Coutinho (1994), ainda não surgiu, ao nível da sociedade e do sujeito, uma solução satisfatória, deixando-se por conta da mulher e de decisões individuais os problemas da compatibilidade entre o trabalho fora de casa e a família. A autora observa que tal fato tem levado um número cada vez maior de mulheres de classe média a reduzir o número de filhos ou a fazer sua opção pela carreira profissional, desistindo de outros projetos como o casamento e a maternidade. Entretanto, para muitas mulheres a maternidade ainda ocupa um lugar de destaque, podendo até mesmo ser determinação central no transcurso de suas vidas. Mesmo com a maior preocupação e participação dos companheiros e maridos nas tarefas domésticas e na educação dos filhos, Rocha-Coutinho (1994) observa que muitas mulheres impedem esta maior participação masculina devido à incapacidade de abrirem mão do poder e do controle que sempre exerceram no âmbito da casa e da família. Segundo a autora, este controle feminino - a perfeição exigida do lar e das crianças e a insistência de que a mãe tem sempre razão - é a versão feminina do machismo, ou seja, “o seu equivalente da força e do poder masculinos que a mulher sempre usou para contrabalançar ou mascarar sua vulnerabilidade, sua dependência econômica, sua subestimação pela sociedade e por si mesma” (p. 63).

Segundo Goldenberg e Toscano (1994, p. 93) o feminismo promoveu um questionamento das raízes da condição social da mulher e não se restringiu ao espaço doméstico, mas atingiu o cotidiano de cada homem e de cada mulher, obrigando-os a rever os termos de seus papéis e de suas relações. Para as autoras este é o caráter revolucionário do movimento feminista: homens e mulheres contemporâneos foram afetados e transformados a partir dessa nova realidade social em que o princípio da igualdade e o respeito às diferenças passam a se impor, inexoravelmente. Para Rocha-Coutinho (1994) o feminismo alcançou êxito ao dizer não a toda uma ordem patriarcal que dava à mulher um lugar secundário e

modificar consideravelmente as relações homem-mulher e o papel desempenhado por esta na sociedade. Isto pode ser comprovado pelo número cada vez maior de mulheres que ocupam fatia importante no mercado de trabalho, chegando a alcançar posições de destaque e prestígio na sociedade, como é o caso das mulheres do grupo observado nesta pesquisa. Da mesma forma, elas são, em grande parte, responsáveis pela sua sexualidade, podendo, inclusive, optar entre ter filhos ou não. Além disso, a maior parte das mulheres de hoje se pergunta o que quer da vida e não mais cumpre um destino que lhe é dado pelo simples fato de ter nascido mulher. Neste sentido, o papel da mulher tem sofrido muitas transformações, entre elas, pode ser considerada a ampliação do papel feminino para os papéis femininos, muito mais diversificados. Um bom indicador desta diversificação é a transformação presenciada no conteúdo publicitário. Almeida (2002), em sua pesquisa sobre a feminilização das telenovelas e os comerciais veiculados nos intervalos deste tipo de programação, observa que há duas décadas anteriores (1980), as mulheres dos anúncios de produtos domésticos eram sempre retratadas no “papel tradicional” de mães e esposas dedicadas, os anúncios raramente mostravam mulheres que trabalhavam fora, executivas, independentes. Como relata Almeida (2002), no final da década de 90 e início dos anos 2000 já era possível observar anúncios retratando mulheres em ambientes de trabalho ou saindo de casa com roupas de trabalho. Segundo os publicitários entrevistados por Almeida (2002), a mudança só foi possível porque a mentalidade da população havia mudado, mesmo as mulheres que não trabalhavam fora, já valorizavam o trabalho e atuação feminina fora do lar. Ainda segundo os profissionais de publicidade entrevistados pela autora, uma prova da mudança de atitude feminina seria o aumento do consumo de alimentos semi-prontos ou prontos que haviam sido anteriormente haviam sido lançados e não haviam alcançado aceitação.

Durante o período de 60 dias de observação das publicações do grupo feminino, que dão início à conversação em rede, foi observado quais os assuntos que as mulheres veiculam na rede social e foi constatado que existe uma diversidade de temas bem similar ao complexo universo social, econômico e cultural a qual elas estão inseridas. A exposição e a conversação não se dão em torno de um assunto específico, por exemplo, moda ou filhos. As mulheres entendem o *Facebook* como um espaço para compartilhamento de ideias, opiniões

e fatos pessoais. Em suas postagens, as Elas reproduzem links com dicas de moda; comentam um acontecimento familiar ou profissional; opinam sobre um acontecimento político ou econômico; compartilham matérias que consideraram interessantes; reproduzem imagens e textos de humor; publicam fotos dos filhos, de viagens e de encontros com amigos; fazem declaração de amor para os maridos. Esta é uma das principais diferenças entre a comunicação através de um site de rede social e de um *blog*, onde tradicionalmente é caracterizado por um assunto específico, tanto o autor quanto o público interagem sobre um tema determinado. No caso do site de rede social, pressupõe-se uma variedade de assuntos exatamente pela simulação (ou extensão) das conversações que se dão nas interações face a face. Entretanto, se comparado à exposição feita por adolescentes ou por homens no *Facebook*, é possível perceber que a variedade temática existente nas publicações do grupo feminino observado é muito maior, um reflexo evidente da construção simbólica da existência contemporânea das mulheres adultas, urbanas e economicamente ativas que impõe a elas inúmeros papéis e responsabilidades. São esposas ou namoradas, mães, profissionais, precisam estar atualizadas com os acontecimentos da cidade, do país e do mundo, e precisam usufruir de momentos de lazer, como encontrar os amigos, passear com os filhos e viajar.

**Sara**, que é psicóloga, mas trabalha numa grande empresa privada, é casada, possui dois enteados e não possui filhos, publicou, no período observado, reflexões sobre a vida, os relacionamentos e as emoções (saudade, por exemplo); alterou sua foto de perfil; agradeceu aos amigos as mensagens publicadas no dia do seu aniversário; publicou um vídeo da cantora Marisa Monte cantando a música “Depois” num show que ela assistiu e também publicou uma foto ao lado do marido andando de balão na cidade de Göreme, região de Cappadocia, durante a viagem que fizeram para Turquia

No caso das publicações de **Sara**, pode ser observada uma forte tendência para a exposição de questões íntimas e pessoais da sua existência, bastante marcadas pelo sentimentalismo e pelas emoções. Em uma de suas publicações, ela diz: “*Aprender a sentir a saudade saudável da pessoa que não mais está ao seu lado é um desafio na vida. É uma lição de desprendimento, respeito pelas*

*decisões do outro, compreensão do ciclo natural da vida, amor ao livre arbítrio. Para alguns, demora. Ainda estudo para gabaritar essa prova. Sei que um dia conseguirei. Amei!!!”* (20/08/12). A música “Depois” de Marisa Monte reproduzida por ela em vídeo gravado durante o show também é marcada por forte sentimentalismo.

Depois de sonhar tantos anos / De fazer tantos planos / De um futuro pra nós  
Depois de tantos desenganos / Nós nos abandonamos como tantos casais / Quero que  
você seja feliz / Hei de ser feliz também

Depois de varar madrugada / Esperando por nada / De arrastar-me no chão / Em vão  
Tu viraste-me as costas / Não me deu as respostas / Que eu preciso escutar  
Quero que você seja melhor / Hei de ser melhor também

Nós dois / Já tivemos momentos / Mas passou nosso tempo / Não podemos negar  
Foi bom / Nós fizemos histórias / Pra ficar na memória / E nos acompanhar  
Quero que você viva sem mim / Eu vou conseguir também

Depois de aceitarmos os fatos / Vou trocar seus retratos pelos de um outro alguém / Meu  
bem  
Vamos ter liberdade / Para amar à vontade / Sem trair mais ninguém  
Quero que você seja feliz / Hei de ser feliz também / Depois

(Composição: Arnaldo Antunes / Carlinhos Brown / Marisa Monte)

A publicação do vídeo da música - que fala sobre o fim de um relacionamento, que teve seus momentos felizes e terminou com tristeza, indiferença e traição, e a possibilidade de recomeçar e encontrar novamente a felicidade com outra pessoa -, com o comentário “E a alma saiu do corpo” permite algumas observações relacionadas ao universo do grupo feminino em questão. Como é perceptível pelas publicações de **Sara** que ela não está se separando do seu marido, a fascinação pela música a faz reviver emoções e situações vivenciadas em relacionamentos anteriores, o que é uma marca da existência feminina contemporânea das mulheres na faixa dos 30 a 45 anos. Com a mudança do papel feminino na sociedade, as mulheres deixam de ter como expectativa única de vida casar e ter filhos, e passam a dar prioridade aos estudos, à carreira e à independência financeira, fazendo com que o casamento seja apenas uma opção de vida, entre muitas, e com que aconteça cada vez mais tarde. Por outro lado, a separação passou a ser uma possibilidade no universo feminino. Dentre as mulheres observadas, com a mesma faixa etária, temos mulheres solteiras, casadas, separadas; com filhos e sem filhos. Esta flexibilidade amorosa

evidentemente que amplia o número de experiências vividas pelas mulheres na contemporaneidade. E o fato de **Sara**, que é casada e demonstra não estar em crise no seu casamento, fazer a publicação do vídeo que remete a relacionamentos anteriores vividos por ela, demonstra o quão natural é as mulheres contemporâneas possuírem um passado amoroso. Se nos idos das décadas de 50 e 60 houvesse uma rede social, seria incabível uma mulher casada fazer uma publicação que remetesse a relacionamentos anteriores. Por outro lado, ao publicar fotos com o marido, **Sara** demonstra seu casamento é importante em seu contexto de vida, o que é um indicio que apesar de toda a flexibilidade, o relacionamento a dois ainda é um valor para muitas mulheres.

Na observação das publicações de **Cinthia**, que é artista plástica e design de bijuterias, separada e possui um casal de filhos adolescentes, foi possível identificar a freqüente transição da mulher contemporânea pelos diferentes aspectos de sua vida. No período observado, **Cinthia** publicou um vídeo do cantor Leoni cantando a música “Alice” num show em que ela esteve com a filha adolescente e mais dois amigos (os nomes foram incluídos na publicação); compartilhou a divulgação de um concurso de artes plásticas organizado pelo Museu Histórico do Exército e pelo Forte de Copacabana; publicou uma foto de um par de alianças com um design considerado por ela interessante (“aliança de casamento interessante!!!” comentou); publicou fotos com a filha e uma tia na comemoração do aniversário desta, com um grupo de amigos na comemoração do aniversário de um deles (com a publicação do nome do local em que estavam), com outro grupo de amigos sentados num bar bebendo cerveja e de um passeio com a filha no Museu da República. As publicações de **Cinthia** evidenciam a multiplicidade dos papéis da mulher contemporânea. Cinthia evidencia o seu aspecto materno e familiar ao divulgar que foi ao show do Leoni com a filha e ao publicar fotos do aniversário da tia e do passeio no Museu da República -, demonstra sua identidade profissional ao compartilhar um concurso de artes plásticas e a foto do par de alianças e também expõe sua vida social ativa, rodeado por amigos, típica de uma mulher separada. No caso específico da publicação do vídeo da música “Alice” do cantor Leoni, gravado durante o show, por ter sido uma música que fez muito sucesso na década de 80, quando **Cinthia** era uma adolescente, indica o resgate de sua história e de suas memórias, ou seja, uma

valorização do que foi vivido no passado e, agora, revivido ao lado da filha adolescente. Ao contrário das publicações de **Sara**, a exposição de Cinthia não é marcada por reflexões pessoais marcadas, pode ser dito que é uma exposição marcada pelos papéis sociais que desempenha.

Já as publicações de **Cristina** - que também é psicóloga como **Sara**, trabalha numa empresa privada de soluções educacionais corporativas, é solteira e não possui filhos -, são marcadas pela exposição de reflexões e emoções a respeito da vida. Além dessas características, as publicações de **Cristina** demonstram uma forte valorização do contato com a natureza como fonte de paz, descanso, reflexão e renovação. No período observado, ela reproduziu uma foto de uma banheira de hidromassagem com paredes envidraçadas com vista para o mar com o comentário “*Um dia ainda terei um desses, imagine em dia de lua cheia? Deve ser chato começar o dia assim... boa sexta feira para vcs!*”; publicou a foto de um jarro com flores em sua sala de casa com o comentário “*Porque comprar flores na sua hora de almoço tem seu valor*”; no início de setembro publicou uma foto de flores e fez referência à chegada da primavera e complementou “*adoro flores*”; publicou uma foto do Pão de Açúcar num dia de céu azul e comentou “*eu acho lindo, e você?*”; num dia de muito calor no Rio de Janeiro, publicou uma foto sua em uma cachoeira com o comentário “*Sonho de consumo, Rio 40 graus*”. Ainda no período observado, **Cristina** publicou uma foto de flores num jarro de sua avó e comentou “*Hoje tem flores na porcelana antiga da minha avó. Ela ia gostar. Bom dia com cheiro de campo e saudades*” e reproduziu uma paisagem de um mar com águas azuis e bem tranquilas e um píer cercado por coqueiros com o comentário “*Minha alma hoje está lá no final da ponte, se bronzeando e tomando um drink geladinho. Bom dia para todos!*”. **Cristina** também publicou uma foto bem fechada do seu rosto sorridente, que fez sobressair suas marcas de expressão ao redor dos olhos, com a frase que diz ser de Elis Regina: “*Se formos ter rugas, que seja de tanto sorrir*”, e compartilhou uma imagem com a frase “*É preciso muita paz interior para não deixar o cotidiano embrutecer a mente*” e complementou com o comentário “*Bom dia com delicadeza!*”.

As publicações de **Cristina** e **Sara** são as que mais se aproxima da escrita de si dos diários pessoais de outrora, que possuía características de reflexão e desabafo a cerca da vida.

**Márcia** é socióloga de formação, está finalizando seu doutorado em ciências políticas, trabalha como professora universitária; é casada, mas não possui filhos. **Mirela** é jornalista de formação, possui doutorado em relações internacionais, também trabalha como professora universitária; é casada e possui um filho adolescente. Devido à formação e atuação acadêmica de **Márcia** e de **Mirela**, suas publicações são muito mais marcadas pela opinião do que pela exposição de si. São mulheres acostumadas a ver o mundo com olhos críticos e, neste sentido, o *Facebook* parece representar um espaço para que possam compartilhar sua opinião a cerca dos acontecimentos sociais, políticos e econômicos do Rio de Janeiro, do país e do mundo. Por serem professoras universitárias e pesquisadoras, elas possuem muitos alunos em suas redes de “amigos” – isto pode ser observado através dos comentários onde frequentemente elas são chamadas de “professora” e também das publicações onde mencionam “*Para meus alunos -*, e, desta forma, possuem uma responsabilidade maior no conteúdo de suas publicações, já que desempenham o papel de formadoras de opinião e de liderança. Foi possível observar que as publicações feitas por elas costumam ser compartilhadas por seus “amigos”. No período observado, **Mirela** compartilhou o link de um Ranking de universidades realizado pela Folha de São Paulo que indica a universidade onde leciona como a 1ª colocada entre as universidades privadas do país; publicou uma crítica contra a política americana fazendo referência a uma citação da senadora Hillary Clinton –” *“Os povos do Egito, Líbia, Iêmen e Tunísia não trocaram a tirania de um ditador pela tirania de uma turba”, diz Hillary Clinton “Quem trocou a tirania do capital da era Bush pela tirania do capital da era Obama”, diz Mirela”* -; publicou uma foto de uma aula sobre o genocídio em Ruanda ministrada por uma professora convidada por ela e publicou em seu perfil uma foto de Marcelo Freixo, candidato à prefeitura do Rio de Janeiro nas últimas eleições.

**Márcia**, além dos aspectos de sua formação e atuação profissional acadêmica, ainda possui uma posição política de esquerda extremamente radical

que ela demonstra o tempo todo em suas publicações opinativas. No período observado, ela compartilhou uma foto de uma manifestação de grevistas no centro do Rio de Janeiro e fez críticas ao forte aparato policial registrado na imagem – *“Precisa disso tudo numa passeata em plena democracia? Os policiais estão armados para sentar o cacete mesmo! Esse povo é do BOPE ou é roupa de gala da PM do Rio?”* -; reproduziu um vídeo com o depoimento de alguns professores da UFRJ sobre a greve da categoria com palavras de apoio e admiração – *“Vejam os fofos (em todos os sentidos!) dos professores Mauro Ias, presidente da ADUFRJ (que eu tive o imenso prazer de ser aluna) e Roberto Leher falando sobre a greve!”* -; compartilhou diversas fotos de monumentos no Chile de repúdio ao período de tortura militar e homenagem aos torturados – *“Chile presente contra o esquecimento da tortura militar!”* -; fez a divulgação de um ciclo de debates com o sociólogo Chico de Oliveira; prestou homenagem ao professor professor e intelectual marxista Carlos Nelson devido ao seu falecimento – *“O Brasil acordou triste hoje, pelo menos o Brasil daqueles que criticavam esse sistema iníquo em que vivemos e sonhava com um Brasil mais justo e menos desigual! Vá em paz Profº Carlos Nelson e saiba que fará muita falta aqui !”* -; e reproduziu uma imagem de crítica ao modelo de trabalho vivenciado na sociedade capitalista e de consumo.

Figura 1 – Imagem reproduzida por Márcia como crítica à dominação do trabalho



Entretanto, apesar da predominância do conteúdo opinativo, também foram identificadas, publicações voltadas para a exposição de si ou da vida cotidiana nas observações de **Mirela** e **Márcia**, entretanto numa escala bem menor em relação a das outras mulheres.

No período observado, **Mirela** publicou uma foto com um grupo de amigos em um *happy hour*, inclusive com a informação do local em que estavam. Já **Márcia**, no dia de São Cosme e Damião, publicou uma imagem dos santos e escreveu “*Viva São Cosme e São Damião! Se alguém for dar doce, essa criança aqui, que já está nos enta, que um!*” e também compartilhou uma foto de sua cachorrinha tirada pelo pet shop onde ela toma banho e escreveu: “*A minha filhota Tina de 4 patas está linda! Parece que está vestida para casar! Todos os funcionários do Pet Shop XXXXXX são muito atenciosos e prestativos. Parabéns pela equipe! A Tina sempre volta cheirosinha e lindinha do banho, mas desta vez voltou com roupa de noiva/festa, MUITO FOFA!*”.

A conclusão que se chega é que, apesar apropriação por estas mulheres do *Facebook* como um canal para construção de conteúdo opinativo, elas também são seduzidas, em menor escala, pela cultura da exposição de si e da vida cotidiana tão presente na rede social e na vida contemporânea em geral.

**Camila** é jornalista de formação, trabalha numa grande empresa privada de telecomunicações, é solteira, não tem filhos e mora sozinha no Rio de Janeiro (seus pais moram em Barra do Piraí e sua irmã mora em São Paulo). Suas publicações são similares às da **Cinthia** no que diz respeito ao compartilhamento de cenas da sua vida cotidiana, sem muito espaço para reflexões de foro íntimo, como fazem **Sara** e **Cristina**. No período observado, **Camila** publicou uma foto dos pais com o comentário “63!”, fazendo referência ao aniversário do pai, e uma foto com a irmã; publicou um vídeo da cantora Marisa Monte cantando a música “Seja Feliz” gravado durante o show em que **Camila** esteve e publicou a mensagem “*Tudo conspirou contra, mas cheguei em Salvador*”, fazendo referência a uma viagem a trabalho que provavelmente enfrentou contratemplos que ela não menciona. As publicações de **Camila** indicam a valorização da família – ao publicar fotos dos pais e com a irmã –, demonstram a rotina profissional presente em sua vida – quando publica uma viagem a trabalho –, e

revelam um pouco da sua forma de enxergar a vida através da letra da música “Seja Feliz” que ela reproduziu através do vídeo feito no show.

Seja feliz / Com seus pais / Seja feliz / Sem raiz / Seja feliz / Com seu irmão / Seja feliz / Sem razão Tão longa a estrada / Tão longa a sina / Tão curta a vida / Tão largo o céu / Tão largo o mar / Tão curta a vida / Curta a vida / Seja legal / Com seu amor / Seja legal / Sem pudor / Seja gentil / Com sua figura / Seja gentil / Sem frescura / Tão longa a estrada / Tão longa a sina / Tão curta a vida / Tão largo o céu / Tão largo o mar / Tão curta a vida / Curta a vida

**Amanda** é formada em Desenho Industrial, possui mestrado em Design de E-learning, trabalha na mesma empresa privada de telecomunicações de **Camila**, é separada, não possui filhos e também mora sozinha, mas sua família reside no Rio de Janeiro. **Amanda** foi a que menos publicou conteúdo no período observado. Apenas compartilhou o link de uma matéria sobre aparatos tecnológicos para a locomoção de paraplégicos com o seguinte comentário “*Isso não devia estar na primeira página dos jornais, não? O vídeo da matéria mostra um cara que estava confinado a uma cadeira de rodas por 20 anos, agora com movimentação completamente autônoma. Que espetáculo!!!*”, divulgou o *blog* de sua próxima viagem de férias e alterou a sua foto de perfil.

**Esther, Beatriz e Valéria** são casadas e possuem filhos pequenos. Esther é formada em administração de empresas e trabalha como coordenadora numa empresa de previdência privada. Beatriz não informa a sua formação em seu perfil do *Facebook* e trabalha como gerente no Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos de 2016. Valéria também não informa a sua formação e trabalha numa empresa privada de telecomunicações e acabou de se mudar para Recife junto com o marido e o filho para assumir uma posição de gerente de *trademarketing*. O fato do marido de **Valéria** aceitar a transferência da família para outro estado demonstra a importância profissional e financeira que as mulheres alcançaram ao longo de luta por espaço e autonomia do espaço público, até então destinado aos homens. E mais, demonstra também as mudanças ocorridas no papel do homem decorrentes das conquistas femininas.

As publicações de **Esther** no período observado demonstram a priorização da família em sua vida. Publicou um vídeo feito com a filha de 5 anos em homenagem ao Dia dos Pais, fez uma declaração de amor para o marido pelo seu aniversário e outra declaração de amor para a filha também pelo dia do seu aniversário. Já nas publicações de **Beatriz**, foi percebido um equilíbrio maior entre os papéis que exerce em sua vida. Em seu segundo casamento, mãe de uma menina de 9 meses e participando ativamente da organização de um evento de grande porte e visibilidade mundial, como as olimpíadas 2016, **Beatriz** demonstra em suas publicações a multiplicidade de papéis que desempenha. Sua primeira publicação no período observado foi de uma foto com o marido e a filha num restaurante (com a informação do nome do restaurante). Depois publicou uma reflexão – “*É parte da cura, o desejo de ser curado*” –; fez uma declaração de amor para o marido na véspera do seu aniversário junto com a publicação de uma foto do casal; divulgou seu embarque para Londres a trabalho e publicou fotos com atletas brasileiros nas olimpíadas. Já **Valéria** publicou uma foto do filho vestido com um roupão imitando um sapo com o comentário “*lindo*”; outra foto com uma amiga num encontro rápido graças a uma reunião de trabalho no Rio de Janeiro com o comentário “*matando a saudade amiga*”; outra foto mostrando o seu novo corte de cabelo e fotos da sua casa e da vista para o mar com o comentário “*Visual aqui de casa... churrasquinho... tudo de bom! Esperamos por vocês amigos. Saudades*”.

Como pode ser observado, as publicações das mulheres no *Facebook* reproduzem o universo contemporâneo das mulheres que trabalham, são mães ou não, possuem vida social, possuem relacionamentos afetivos ou não, são casadas, separadas e solteiras. O fato dos temas expostos transitarem entre a vida pessoal e íntima e a vida profissional e social destas mulheres comprova que a existência feminina contemporânea se dá tanto na esfera privada quanto na esfera pública, inclusive de uma forma bem natural e até certo ponto equilibrada.

Foi identificada também a flexibilidade de papéis e identidades existente no universo feminino. Apesar de serem mulheres na mesma faixa etária, temos uma pluralidade de estilos e prioridades de vida que foram percebidos nas publicações observadas. Diferentemente do que acontecia no passado, as mulheres

contemporâneas não possuem apenas a identidade mulher. Atualmente a sociedade oferece e reconhece uma multiplicidade de identidades femininas das quais se apropriam as mulheres contemporâneas. Foi visto que profissionalmente, as mulheres alcançaram posições de trabalho importante, deixaram de ser apenas coadjuvantes. Muitas ocupam cargo de gerência e costuma realizar viagens a trabalho. Apesar da família, do relacionamento a dois e da maternidade ainda serem valores importantes na vida das mulheres, não foi percebido em suas publicações referências a tarefas domésticas, por exemplo. Deve ser destacado que não foi observada nenhuma publicação a cerca da sexualidade das mulheres, o que indica ainda um certo conservadorismo e recato relativo a este tema.